

Gurpreet Singh não será esquecido

Teremos uma geração com dimensão relativamente expressiva de portugueses de origem sul-asiática que nos recordarão do que fizemos (e não fizemos) quanto ao racismo e xenofobia de que são alvo.



Cristina Roldão

21 de Dezembro de 2023, 7:01

Daqui a umas décadas, teremos uma geração com uma dimensão relativamente expressiva de portugueses de origem sul-asiática que nos recordarão do que fizemos (e não fizemos) quanto ao *racismo* e xenofobia de que são alvo e que questionarão, a partir da sua experiência, a identidade nacional.

Não serão os descendentes dos goeses que vieram para Portugal após a anexação de Goa à República da Índia no início da década 1960 ou após a independência de Moçambique, em meados dos anos 1970. Em ambos os casos, tratava-se de uma elite intermediária, com ligações históricas profundas ao aparato colonial português na Ásia e em África. Se, comparativamente aos africanos, os asiáticos - isto é, goeses, timorenses e macaenses - eram colocados pelo Estado Novo num lugar superior numa pretensa escala civilizacional, a verdade é que o estatuto de racializado “especial” não os livrou de serem considerados inferiores e colonizados pelos portugueses.

O caso de António Costa, ex-primeiro ministro, é a este propósito elucidativo. Embora pertencente à casta brâmane, à elite política portuguesa e de se destacar por um discurso conciliatório de laivos lusotropicalistas que evita tocar na questão racial - ao ponto de estabelecer comparações inaceitáveis entre o movimento antirracista e a extrema-direita -, não escapou de insultos racistas.

Essa geração que virá será descendente de pessoas como Gurpreet Singh, de nacionalidade indiana, *brutalmente assassinado*, ao que tudo indica, por motivação racista, em Setúbal, no início deste mês, e lembrar-nos-ão a pouca cobertura mediática do caso e a ausência de comoção e repúdio coletivos na sociedade portuguesa.

Serão filhas e filhos de pessoas provenientes do Bangladesh, como aquelas torturadas e humilhadas em Vila Nova de Mil Fontes por “satisfação e desprezo” de *sete militares da GNR*. Pedir-nos-ão contas do vergonhoso processo judicial a esse propósito desencadeado e que chegaria ao fim em junho de 2023. Entre o Tribunal de Beja e o Tribunal da Relação de Évora, o sistema de justiça lá foi arrastando o caso durante quase cinco anos; esquecendo a motivação racial e xenófoba; deliberando reduções de pena, absolvições de crimes; distribuindo penas suspensas e revogando penas acessórias de proibição do exercício de funções na GNR.

Elas e eles confrontar-nos-ão com a hipocrisia de uma sociedade que se diz campeã da integração de imigrantes, mas que explorou os seus pais - provenientes da Índia, Bangladesh, Nepal e Paquistão - num regime de quase-escravatura nas *estufas* do Alentejo e do Algarve, naquele que é um crime do ponto de vista humano e ambiental. Lembrar-nos-ão quicá da exploração desumana dos seus familiares enquanto motoristas da Uber e nas entregas domiciliárias de refeições à chuva, ao frio, debaixo do sol e em contexto de pandemia. Criticarão a posição pública da Associação Nacional Movimento TVDE que, embora alerte para situações de “tráfico humano” e dificuldades no reagrupamento familiar entre os motoristas imigrantes, parece mais interessada em limitar o acesso destes à profissão - por alegadamente não falarem português e terem licenças pouco criteriosas - do que em criar condições para partilhar com eles postos de trabalho.

Essa geração procurará escrever a história da participação política dos seus ascendentes na sociedade portuguesa. Terá, com certeza, debates internos calorosos sobre qual a estratégia a seguir. Pergunto-me se procurarão estabelecer alianças com o movimento antirracista negro, cigano e com associações imigrantes de outras origens. Irão eles preferir reivindicar ativamente os seus direitos e resistir compactuar com o mito do “bom imigrante”? Ou preferirão uma estratégia mais discreta, delegando a estratégia política nas lideranças, não levantando ondas que possam colocar em risco os pequenos negócios na área da restauração e comércio, apostando no *lobby* de bastidores? Seja como for, duvido que eles se esqueçam de Gurpreet Singh e nós precisamos que eles nos lembrem.

A autora escreve segundo o novo acordo ortográfico